

Análise do Discurso e Psicologia Social: um vínculo esquecido

Discourse analysis and social psychology: a forgotten link

Marília Novais da Mata Machado

Resumo:

Neste trabalho, são revisitados dois artigos de Michel Pêcheux (1938-1983), um dos principais formuladores da análise do discurso (AD): Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais (1966); Conjuntura teórica da psicologia social (1970). Mostra-se que, na formulação da AD, o vínculo com a disciplina psicológica foi importante, embora negativo. Além disso, o artigo de 1970 pode ser visto como uma verdadeira análise do discurso da psicologia social em evidência na época. Diferentes teorias da psicologia social são apresentadas e, por meio de uma leitura/escuta social, são apontadas suas características biologistas, culturalistas ou sociologistas. Mostra-se que cada teoria, para dar conta do que lhe falta, lança mão de ideologias, ora políticas, morais e religiosas, ora provenientes das ciências biológicas. Argumenta-se, no final do artigo, que esse dispositivo de análise utilizado guarda estreita afinidade com a análise do discurso atual.

Palavras-chave: Michel Pêcheux; análise do discurso; psicologia social; ideologia.

Abstract:

In this paper, two articles written by Michel Pêcheux (1938-1983), one of the main creators of the discourse analysis, are revisited: Reflections on the theoretical situation of the social sciences (1966) and Theoretical conjuncture of the social psychology (1970). It is shown that, in the formulation of the discourse analysis, the link with the psychological discipline was important,

although negative. Moreover, the 1970's article can be considered as a true discourse analysis of the social psychology in evidence at that date. Different social psychological theories are presented and, by means of a social lecture/listening, their biologist, cultural or sociologist characteristics are displayed. It is disclosed that each theory, to be fulfilled, seizes upon two kinds of ideologies: in one side political, moral and religious ideologies and, in the other, biological ones. Finally, in the paper, it is argued that the analytical device employed keeps a narrow affinity with the contemporaneous discourse analysis.

Key-words: Michel Pêcheux; discourse analysis; social psychology; ideology.

Introdução

Entre os formuladores da análise do discurso (AD), um dos principais pioneiros e teóricos é Michel Pêcheux (1938-1983). No Brasil, sua contribuição é bastante conhecida, especialmente em cursos de lingüística e letras, com destaque para o da Unesp de Araraquara, o da Unicamp, Campinas e o da UFRGS, Porto Alegre. Nesses centros são realizadas pesquisas, publicações, traduções, orientações de dissertações e teses, seminários e outros eventos em torno da análise do discurso e, especificamente, da obra de Michel Pêcheux (GREGOLIN, 2006; ORLANDI, 2005; INDURSKY; FERREIRA, 2005).

Na UFRGS, em novembro de 2003, foi realizado o I Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Todas as conferências, debates e apresentações de trabalhos tiveram como referência os escritos de Michel Pêcheux. Quinze artigos foram apresentados, comentados e discutidos, resultando em capítulos do livro de Indursky e Ferreira (2005). Tratava-se

de uma homenagem ao autor, no vigésimo aniversário de sua morte. Dois dos conferencistas franceses convidados, Jean-Jacques Courtine e Michel Plon, chamaram a atenção para o fato de estar tão viva a memória do teórico no Brasil, enquanto que, na França, sua obra tem sofrido apagamento, desnaturalização, esquecimento, recobrimento, sepultamento e silenciamento, especialmente no seu aspecto histórico/político. Falou-se em "devolver uma memória à AD" (COURTINE, 2005: 31).

Com esse mesmo ponto de vista, retomam-se, no presente trabalho, dois artigos de Pêcheux sobre a psicologia social, um assinado com pseudônimo e outro com seu próprio nome (HERBERT, [1966]1972; PÊCHEUX, 1970). O primeiro antecedeu e anunciou a teoria da AD. No segundo, já estão implicitamente presentes os principais procedimentos analíticos que sobreviveram às múltiplas reformulações do projeto inicial de Pêcheux (1990), a Análise Automática do Discurso (AAD-1969).

Análise do Discurso e Psicologia Social

Apresentando a época e os locais em que surgiu a AD francesa, Maingueneau mostra uma ligação entre a AAD-1969 e o Laboratório de Psicologia Social:

O momento imediatamente pós-1968 foi chave para o desenvolvimento da AD. É possível assinalar três lugares principais de manifestação: o Departamento de Lingüística da Universidade de Paris X - Nanterre, dirigido por Jean Dubois; o centro de lexicometria política da Escola Normal Superior de Saint-Cloud; o empreendimento da "análise automática do discurso" animado por Michel Pêcheux no Laboratório de Psicologia Social de Paris VII, associado ao C.N.R.S. (MAINGUENAU, 1991:13).

Henry (1990), de seu lado, menciona um vínculo entre análise do discurso e psicologia social presente na própria criação do dispositivo:

Pêcheux sempre teve como ambição abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais, e, em particular, da psicologia social (...); ele queria se apoiar sobre o que lhe parecia já ter estimulado uma reviravolta na problemática dominante das ciências sociais: o materialismo histórico tal como Althusser o havia renovado a partir de sua releitura de Marx; a psicanálise tal como a reformulou Jacques Lacan, através de seu "retorno a Freud." (HENRY,1990: 14).

Plon (2005) narra a entrada de Pêcheux, em 1966, no Laboratório de Psicologia Social da Universidade de Paris VII. Althusser, que comandava um grupo filosófico ao qual Pêcheux pertencia, teria sido o responsável pela sua introdução no Laboratório, numa "missão de guerra que implicava, após aterrissagem no terreno inimigo, encontrar rapidamente os cabeças-de-ponte" (PLON, 2005: 48), psicólogos que pudessem melhorar aquela disciplina. O próprio Plon e Paul Henry tiveram esse papel.

Tudo se passava num "clima de clandestinidade, de redes e de reuniões secretas, de relações duplas com a instituição" (PLON, 2005: 48). Plon insinua que a clandestinidade era uma vocação para Pêcheux, atestada pelo uso do pseudônimo Thomas Herbert.

Outra vocação pessoal de Pêcheux assinalada por Plon era para a aventura filosófica e universitária, o que o levou a se apaixonar pela filosofia e pela história das ciências. Citando Lacan, Plon deprecia a Psicologia Social, "domínio ao qual Lacan, que em relação a isso não se enganava, mostrava um desprezo bastante acentuado" (PLON, 2005: 47). Dado o intenso e duradouro relacionamento entre Pêcheux e Plon, deduz-se que essa posição certamente foi compartilhada pelo primeiro, pelo menos no que diz respeito às práticas do Laboratório de Psicologia Social, dirigido na época por Robert Pagès e com forte cunho da psicologia experimental.

De que Psicologia Social se falava? A resposta, justamente, é encontrada em Herbert ([1966]1972) e Pêcheux (1970). O primeiro artigo, que será tratado mais rapidamente, tem versão em português; o segundo é artigo esquecido, que escapou não só ao cuidadoso inventário de Gregolin (2006: 209-216), que listou cronologicamente mais de 60 trabalhos do autor publicados entre 1966 e 1990, mas também ao Seminário de 2003 na UFRGS. Entretanto, o artigo de 1970 inaugurou outra forma de fazer psicologia social e apresentou a operação de um dispositivo metodológico de análise do discurso ainda atual. Os dois escritos são altamente críticos. A leitura, como de resto de toda a obra de Pêcheux, não é fácil.

Situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social

O artigo (HERBERT, [1966]1972) se abre com um convite à realização de um trabalho intelectual, teórico, de crítica interna e externa à prática científica das ciências sociais (especialmente às práticas técnicas e políticas). Nessa tarefa, além das questões de fronteiras, é central a apreensão dos conteúdos ideológicos das práticas.

O discurso é apresentado como instrumento de transformação para a prática política, capaz de reformular uma demanda social, incluindo demandas de ordem técnica.

A psicologia social é a disciplina escolhida para tornar possível interpretar o papel que a ciência julga desempenhar no conjunto da prática social. É disciplina que está sempre a responder a alguma demanda social e se localiza no prolongamento direto das ideologias que se formam na prática política. Está permeada por modelos ideológicos. Por exemplo, há um modelo biológico que aplica ao grupo a forma idealizada do indivíduo organizado,

considerando o grupo sempre em harmonia com seu meio, sem conflito; outros modelos grupais são aplicações da psicanálise, das matemáticas e da dialética sartreana.

Para Pêcheux/Herbert (1972: 25), o fato de um mesmo objeto – o grupo – ser susceptível a quatro interpretações estruturalmente idênticas dá a perceber sua natureza ideológica. Isso permite concluir: “Definitivamente, diremos que as “ciências sociais” consistem, na sua forma atual, na aplicação de uma técnica a uma ideologia das relações sociais (...) tendo por fim responder à demanda social” (HERBERT, 1972: 26). Falta-lhes o estatuto de prática científica.

O autor propõe, então, um trabalho teórico de transformação consistindo em desarticular a constelação dos conceitos ideológicos iniciais, produzindo uma “ruptura epistemológica” e uma nova configuração científica articulando outros conceitos (HERBERT, 1972: 30). Para tanto, as ciências sociais e, especificamente, a psicologia social têm que engendrar instrumentos novos, “aptos a experimentar o discurso teórico nascente” (HERBERT, 1972: 35). O autor propõe, como instrumento, a “escuta social”, análoga à “escuta analítica” da prática freudiana.

A conjuntura teórica de psicologia social

Vale lembrar que o artigo de 1970, sobre a conjuntura teórica da psicologia social, foi elaborado concomitantemente à formulação da análise automática do discurso, a AAD-1969 (PÊCHEUX, 1990), o que permite supor que o instrumento para as ciências sociais proposto anteriormente – a escuta social – foi operacionalizado na própria AD.

Tenta-se provar, aqui, que o artigo de 1970 já utiliza a análise do discurso, cuja apreciação depende totalmente das notas colocadas no final,

onde são citados trechos (seqüências discursivas) de teóricos da psicologia social. No corpo do artigo, é feita a crítica à prática teórica da disciplina, são apontadas as ideologias presentes e sugeridas transformações. Essa ordem de apresentação é modificada aqui.

A análise do discurso da psicologia social presente no artigo funciona bem ao estilo mencionado por COURTINE (2006: 15): “não constitui simplesmente uma aparelhagem técnica, mas igualmente um modo de intervenção política”.

O artigo revê e critica os principais escritos de psicologia social da época: as duas edições do *Handbook of Social Psychology* (LINDZEY, 1954; LINDZEY E ARONSON, 1968), livros de Mead ([1934], 1967), Sherif (1965), Ash (1952), Jones e Gerard (1967), Deutsch e Krauss (1965), Zajonc (1966) e artigo de Rapoport (1963).

Nesse material, Pêcheux busca os lugares de onde partem as questões decisivas da disciplina. Procura “*declarações gerais* usadas pela psicologia social para designar explicitamente seu domínio e seus objetivos e *dificuldades* admitidas por aqueles que trabalham na disciplina” (PÊCHEUX, 1970: 290).

Entre as *dificuldades* menciona a separação entre a “vida real” e a “atividade de laboratório”. Para exemplificar, em nota, apresenta escrito de Jones e Gerard (1967):

A artificialidade do laboratório cria alguns problemas. É importante conservar o comportamento espontâneo e ingênuo dos sujeitos. Na medida em que aumenta a artificialidade da situação, torna-se cada vez mais difícil levar o sujeito a responder espontânea e ingenuamente. Frequentemente as manipulações experimentais de laboratório tornam-se fracas. Isso ocorre porque o sujeito, embora ligeiramente interessado pelo que o experimentador faz, não se envolve pessoalmente na situação. (JONES e GERARD, 1967: 59).

Pêcheux interpreta o texto: não fica claro se há outra prática de pesquisa oposta à experimental, uma prática clínica, de aplicação ou outra forma de entrar em contato direto com a vida real; Jones e Gerard não têm uma postura analítica para saber por que a dificuldade surge e persiste, em que ela se diferencia das dificuldades que ocorrem no restante da psicologia, na sociologia ou na etnografia.

Outra separação estaria entre o que o pesquisador pretende com seu trabalho e aquilo a que servem seus resultados. Rapoport (1963) é citado:

[A teoria dos jogos] é um trabalho intelectual de originalidade marcante, abrindo um campo muito vasto para novas pesquisas. Infelizmente não foi dessa forma que ela foi compreendida em certos meios nos quais a frase de Francis Bacon – “Conhecer é poder” – é interpretada em seu sentido primitivo e brutal. Em nossa sociedade, aqueles que tomam as decisões preocupam-se unicamente com os conflitos de poder, quer se trate de negócios, política ou de operações militares. A Teoria dos Jogos é uma “ciência de conflitos”. Que mais poderia ser uma ciência nova além de fonte de poder para os que a utilizarão primeiro e com eficácia máxima? (RAPOPORT, 1963: 682)

Essa frase (seqüência discursiva) aponta para determinações conjunturais relativas a situações de conflitos econômicos, políticos e ideológicos de uma dada sociedade, em um momento dado. Mas não responde a questões simples: por que dificuldades desse tipo surgem justamente na psicologia social e são diferentes das de outros campos como a sociologia e a etnologia?

É nas declarações gerais que Pêcheux vai buscar a resposta, analisando a “estrutura” do domínio e os objetivos da disciplina. Toma, por exemplo, a definição de Zajonc (1966), para quem a psicologia social estuda a *dependência e a interdependência do comportamento entre indivíduos*.

Pêcheux (1970) aponta que existe, para aquele autor, uma conexão natural entre biologia e psicologia social, passando pela etologia animal e pela psicologia comportamental; a definição se ancora “na região da animalidade”. Mas, como pano de fundo é possível detectar no livro de Zajonc (e Pêcheux apresenta seqüências discursivas comprovando isso) uma sociologia funcionalista implícita, talvez uma etnologia, posições econômicas, políticas, jurídicas e institucionais não nomeadas explicitamente, assinalando uma segunda região (a da sociedade ou do sistema social), sem que se trabalhe a relação entre as duas regiões ou os efeitos de uma sobre a outra.

Dessa forma, a Psicologia Social se equilibra entre as regiões da animalidade e da sociabilidade, produzindo ora teorias biologistas como a de Zajonc (1966), ora sociologistas ou culturalistas (SHERIF, 1965; DEUTSCH; KRAUSS, 1965). Usualmente há uma dominação de uma região pela outra, numa relação que pode se inverter de um teórico a outro. Nada, porém, se passa segundo modalidade científica.

Pêcheux postula, então, a existência de ideologias teóricas e práticas a serem desveladas. Essas ideologias fazem as mediações entre as regiões. Umhas têm suas raízes nas ciências biológicas do séc. XIX, outras fazem parte de uma rede de ideologias políticas, morais e religiosas com diferentes origens históricas. Entre os dois tipos de configurações ideológicas, a psicologia social cria escolas, cada uma com sua ideologia dominante.

O texto de Asch (1952: 97), por exemplo, de ideologia biologista psicológica, se prende às raízes biologistas:

O fenômeno da aprendizagem confronta a psicologia com um problema semelhante àquele encarado por Darwin, embora dessa vez se trate de acontecimentos que ocorrem na vida e na história de um indivíduo. A marca distintiva e valiosa que se tira da experiência é sua adequação. Um organismo encontra um obstáculo; durante os esforços para superá-lo, são produzidas mudanças que têm como efeito aumentar a adequação de

sua ação. Os problemas são resolvidos e a competência é aumentada.

De outro lado, uma citação de texto de Mead (1967: 295-296) ilustra como uma reflexão sociológica pode ser atravessada por ideologias políticas, morais e religiosas de origens diversas:

Não há dúvida de que, entre os diferentes processos, o econômico é um dos que mais colocam as pessoas em relações próximas umas das outras, tendendo a fazer com que os indivíduos se identifiquem entre si. O caráter internacional do trabalho e o desenvolvimento, em uma comunidade local, de uma organização sindical são exemplos notáveis disso. Há tanto a identificação do trabalhador com seu grupo de trabalho quanto a identificação entre trabalhadores de uma comunidade com aqueles de outra. No socialismo, o movimento trabalhista se transformou numa religião. O processo econômico inevitavelmente faz com que os grupos se aproximem graças ao processo de comunicação que envolve participação. Ele tem sido um fator de socialização universal na nossa sociedade moderna global, mais reconhecido universalmente que a própria religião.

Resta saber como é exercida a dominação e o que leva uma configuração ideológica a dominar outra. Parece que a Psicologia Social se deu como tarefa ultrapassar separações como a que há entre normas sociais e comportamento humano animal, anulando, ideologicamente, a separação entre os conteúdos sociológicos e os mecanismos psicológicos:

Como os outros organismos, o homem nasceu com necessidades, tais como a de se alimentar, de se abrigar e, mais tarde, se unir. Isso é verdade para todo indivíduo, independente de sua raça, nível de cultura, religião ou classe social. Como todos os animais, o homem tem que comer, respirar e se reproduzir, a fim de assegurar e manter a vida.

Na psicologia social, principalmente depois de McDougall e de Freud, muito se escreveu para sublinhar a importância

das necessidades e de suas satisfações, em oposição à ênfase intelectual dada à herança, no passado.

Paralelamente, notamos outro fato. Quando observamos os homens em busca de alimento, abrigo ou companhia, concluímos que suas atividades se desenvolvem dentro de esquemas preestabelecidos. É fato que as pessoas comem, se associam e apreciam a segurança de um teto, mas as condições em que elas comem, se associam e se abrigam são, em grande parte, determinadas pelos costumes, tradições, leis e regras sociais. Isso é verdade para qualquer indivíduo vivendo em qualquer sociedade conhecida, primitiva ou altamente desenvolvida. Se um indivíduo não se enquadra nessa categoria, de certa forma, pode-se dizer que não pertence à sociedade. (...)

Em resumo, sem pretender conhecer a origem das instituições e das organizações, devemos, se examinamos qualquer grupo humano (de uma partida de poker a uma organização política ou religiosa), formular uma conclusão geral: entre todos os grupos estáveis, deve haver necessariamente um sistema de regras que assinale o lugar dos indivíduos nas atividades do grupo, e um conjunto de produtos como linguagem, música e arquitetura. Reciprocamente, os costumes sociais e os valores – na realidade, todos os produtos culturais – pressupõem, como condição necessária, a reunião de indivíduos, ou o contato entre eles, na busca de satisfazer suas necessidades. Costumes, valores, normas e outros produtos sociais – a verdadeira morfologia da organização social – constituem uma estrutura complexa, uma superestrutura que surge a partir das atividades dos organismos humanos individuais, agindo sob o poder das necessidades orgânicas fundamentais. (SHERIF, 1965: 1-2).

Para Pêcheux (1970), vê-se, nas seqüências discursivas acima, uma fantasia teórica da psicologia social de anulação da separação entre as regiões da animalidade e da sociabilidade. Isso pode ser feito tanto a partir da imagem de um sistema social fruto da racionalidade humana, quanto a partir da imagem da animalidade humana como fonte da racionalidade.

Fantasia semelhante está presente no texto de Allport (1968: 2), que, valendo-se das tradições ideológicas do passado, também anula a separação:

Se nos colocamos uma pergunta aparentemente simples: "Quem fundou a Psicologia Social?", defrontamos com um dos principais problemas da ciência, o problema da invenção social. Podemos dizer que uma única pessoa muda o curso da história? Ou fundou uma ciência? Se favorecermos uma explicação baseada no "grande homem", podemos separar vários candidatos ao posto honroso de fundadores da psicologia social: Platão, Aristóteles, Hobbes, Comte, Hegel, Lazarus e Steinthal, Tarde, E. A. Ross e outros, dependendo dos critérios e da perspectiva temporal que adotarmos. (*Um problema chave da psicologia social – a natureza social do homem – é ao mesmo tempo antigo e sempre atual.*) [Mas a resposta mais verdadeira à questão afirma que as raízes da psicologia social moderna estão no pensamento e na civilização ocidentais.]¹

Às duas regiões – animalidade e sociabilidade – correspondem ideologias teóricas e práticas que, Pêcheux sugere, podem ser a própria problemática da Psicologia Social, que poderia adotar como objeto, justamente, a ideologia. O autor mostra como essa disciplina, às vezes, toma como tarefa a salvação do mundo, em termos quase religiosos. Quase sempre, é impulsionada pela ideologia dominante:

A psicologia social começou a se desenvolver logo após a Primeira Guerra Mundial. Esse evento, seguido pela difusão do comunismo, pela grande depressão dos anos 1930, pela ascensão de Hitler, o genocídio dos judeus, os movimentos raciais, a Segunda Guerra Mundial e a ameaça atômica, estimulou todos os ramos das ciências sociais. Um desafio especial caiu sobre a Psicologia Social. A questão foi colocada: como é possível preservar os valores de liberdade e direitos individuais sob condições de tensão e regulamentação crescentes? A ciência pode ajudar a fornecer uma resposta? (*Da resposta que as ciências sociais, inspiradas por uma ética verdadeira,*

trarão para os problemas da redução ou da eliminação das decalagens culturais pode depender, no final das contas, o destino da humanidade.) (ALLPORT, 1968: 2)²

Na seqüência do artigo, Pêcheux (1970) apresenta como elemento básico da conjuntura teórica da Psicologia Social o fato de a disciplina ter recebido o efeito ideológico por muito tempo. Distingue quatro períodos na sua história: no primeiro, marcada pela imigração maciça de pesquisadores alemães ameaçados pelo nazismo, a disciplina se voltou para questões como autoridade, liderança, contágio; no segundo, o da reconstrução da sociedade, estudou dinâmica dos grupos, resolução de conflitos, formação gerencial, desvio social; no terceiro, da coexistência pacífica (ou, pode-se dizer, hoje, da guerra fria), trabalhou-se com teoria dos jogos, negociações, inovação, mudança e resistência à mudança, dissonância cognitiva, influência social; no quarto, vivido na época, o autor não distinguiu contornos bem definidos. Mas, argumenta que cada período responde a demandas sociais específicas e que, em cada um, encontra-se presente a configuração bipolar animalidade/sociabilidade. Apresenta uma conclusão parcial:

Sem desenvolver mais, pode-se reter, ao menos, que a história da psicologia social é influenciada diretamente por determinações institucionais e ideológicas, próximas e longínquas, e que, geralmente, ela não tem consciência disso, pois se comporta como se não tivesse memória e repetisse indefinidamente seu próprio começo. (PÊCHEUX, 1970: 293)

Nessa citação, é possível reconhecer a noção de condições de produção do discurso, encontrada na AAD-1969 (PÊCHEUX, 1990: 82), pois o autor aponta formações imaginárias que designam um lugar para a psicologia social e, também, o lugar que ela atribui a si própria.

Como consequência de ocupar esse lugar imaginário, a disciplina sofre de uma ilusão de autonomia. Isso incide sobre as maneiras como define seus

problemas teóricos que, de fato, não são colocados pela realidade, mas por demandas sociais e por instrumentos e dispositivos já existentes. Para dar conta disso, a disciplina teria que:

(1º) Reconhecer os elementos ideológicos (morais, religiosos, políticos ou psicobiológicos) em relação aos quais ela se define.

(2º) Reconhecer os elementos científicos importados de outras disciplinas e que intervêm em sua problemática (...).

(3º) Determinar a relação (de dominação, exploração ou de dependência) que a problemática mantém com seus dispositivos (intervenção de um ou outro elemento do sistema ou dos diferentes aparelhos: escolar, produtivo, administrativo, biomédico, etc.). (PÊCHEUX, 1970, p, 294)

Outra consequência do lugar ilusório diz respeito à formalização da disciplina, que se afigura como um campo de batalha entre diferentes tendências. A proposta do autor, a esse respeito, é a adoção de uma postura que se vale de Freud e de Marx, aparelho pulsional e base econômica, em que a teoria do sujeito daria conta da região da animalidade e o materialismo histórico, ocupando o espaço da teoria das formações sociais e de suas transformações, daria conta da região da sociabilidade. Tudo isso exigiria um trabalho conceitual grande, a eliminação da separação entre conteúdos e mecanismos, além de mudanças nas práticas de pesquisa.

Considerações finais

Os dois artigos estudados não esgotam os escritos de Pêcheux relativos à psicologia social. Mas são suficientes para mostrar a estreita relação entre a análise do discurso e a psicologia social, mesmo que momentânea e embrionária, mesmo que se atendo apenas ao final dos anos 1960, início dos 1970.

O tripé língua – discurso – ideologia que fundamentou a construção da AAD-1969 está presente nos dois artigos. Ao apresentar seqüências discursivas/enunciações formuladas pelos principais teóricos da psicologia social à época, Pêcheux os vê como sujeitos da linguagem e sujeitos do discurso, produzindo ideologia. E é na língua que aponta suas posições ideológicas.

Assim, os escritos desses psicólogos sociais são tomados como textos, língua escrita, unidade de sentido, o que é um procedimento básico da análise do discurso. O conjunto dos escritos forma os corpora analisados.

Ao mesmo tempo, o contexto, a intertextualidade, os lugares e as condições de produção daqueles discursos são considerados, como fica claro na apresentação dos quatro períodos sugeridos para a história da psicologia social, que são quatro respostas ideológicas dadas a demandas sociais específicas.

É possível supor que no horizonte do autor estava a possibilidade de usar um dispositivo, a AAD-1969 – ela própria criada para a pesquisa de ideologias subjacentes. Mas, enquanto esse dispositivo não estivesse inteiramente operante, as seguintes práticas teóricas e de pesquisa eram suficientes: (a) seleção dos corpora a serem analisados, considerando a produção dos psicólogos sociais mais conceituados da área, na época; (b) leitura desses escritos nos moldes de uma escuta social; (c) formulação teórica relativa às regiões da animalidade e da sociabilidade que mantêm entre si relações de dominação, deixando lacunas teóricas que são preenchidas ideologicamente; (d) análise dos discursos presentes nos textos à luz dessas formulações teóricas; (e) demonstração, na linguagem e pela linguagem, das ideologias subjacentes.

Ora, esses procedimentos analíticos sobrevivem ainda hoje, o que dá aos artigos um toque de atualidade, mesmo passadas quatro décadas. Além

disso, os artigos assinalam, aos estudiosos da lingüística, o quanto se abandonou, na AD, a teoria do sujeito, a atenção às determinações (inclusive ideológicas), o papel das condições de produção do discurso, da história e da política; lembram à psicologia social sua vulnerabilidade às ideologias. Mas mostram como essa disciplina, por meio do próprio trabalho de Pêcheux, colaborou na geração de um dispositivo tão interessante para a análise de ideologias subjacentes, a AD.

Marília Novais da Mata Machado
Faculdade Novos Horizontes
marilianmm@terra.com.br

Referências Bibliográficas:

- ALLPORT, Gordon W. The historical background of modern social psychology. In LINDZEY, Gardner; ARONSON, Elliot. (orgs.). *The handbook of social psychology*. Menlo Park: Addison-Wesley, 1968, p. 1-80.
- ASCH, Solomon E. *Social psychology*. New York: Prentice-Hall, 1952.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político*. São Carlos: Clara Luz, 2006. 160 p.
- COURTINE, Jean-Jacques. A estranha memória da Análise do Discurso. In INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L. (orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso*. São Carlos: Clara Luz, 2005, p. 25-32.
- DEUTSCH, Morton; KRAUSS, Robert M. *Theories in social psychology*. New York: Basic Books, 1965. 244 p.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso*. 2ª ed. São Carlos: Editora Clara Luz, 2006. 220 p.
- HENRY, Paul. Os Fundamentos Teóricos da 'Análise Automática do Discurso' de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise, HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 13-38.

HERBERT, Thomas. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. *Tempo Brasileiro*, nº 30-31: 3-36, junho de 1972. (Original: *Cahiers pour l'analyse*, 2, março-abril 1966, reedição, 1-2 :141-167.)

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L. (orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Clara Luz, 2005. 303p.

JONES, E. E.; GERARD, H. B. *Foundations of social psychology*. New York: John Wiley & Sons, 1967. 743 p.

LINDZEY, Gardner (org.). *Handbook of social psychology*. Cambridge: Addison Wesley, 1954. 2 v.

LINDZEY, Gardner; ARONSON, Elliot. (orgs.) *The handbook of social psychology*. Menlo Park: Addison-Wesley, 1968. 5v.

MAINGUENEAU, Dominique. *L'Analyse du discours: introduction aux lectures de l'archive*. Paris: Hachette, 1991. 268p.

MEAD, George H. *Mind, self and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1967. 401p.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005. 100p.

PÊCHEUX, Michel. Sur la conjoncture théorique de la psychologie sociale. *Bulletin de Psychologie*, Tome 23 (4-5), nº 281: 290-297, 1970.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-1969). Tradução de Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 61-161.

PLON, Michel. Análise do discurso (de Michel Pêcheux) vs. Análise do Inconsciente. In INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L. (orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Clara Luz, 2005, p.33-50.

RAPOPORT, Anatol. Bon et mauvais usages de la Théorie des Jeux. *Temps Modernes*. nº 209, 1963.

SHERIF, Muzafer. *The psychology of social norms*. New York: Octagon Books, 1965.

ZAJONC, Robert B. *Social psychology: An experimental approach*. Belmont: Wadworth Publishing Company, 1966.

¹ A parte em itálico da citação, traduzida do francês, aparece em Pêcheux (1970), mas não na versão original, em inglês, de Allport (1968). O trecho entre colchetes é de Allport; foi mantido por esclarecer a abertura da citação.

² A parte em itálico da citação, traduzida do francês, aparece em Pêcheux (1970), mas não na versão original, em inglês, de Allport (1968).